



Metamorfose de uma melodia¹

I. L. Peretz*

— Querem ouvir uma melodia de Tolne?

À primeira vista, parece um nada apanhar e cantar uma melodia sabática de Tolne. Mas não é tão simples como se pensa!

A melodia de Tolne tem de ser cantada por todos, pela congregação inteira.

Querem fazer coro? Não, irmãos! Com a ajuda de *hassidim* poloneses não é possível cantar uma melodia de Tolne.

Vocês não têm noção alguma, não entendem nada de melodias.

Não ouço, então, seus músicos e seus chantres?

Arranham, em vez de tocar. E ao cantar, suas vozes desafinadas parecem-se às de galos agonizantes! Mesmo as melodias do Sinai ressoam entre vocês com estranha selvageria... E suas marchas e canções cossacas? São ainda mais selvagens do que os seus gestos e sua mímica!... Vocês dizem que isso é hassídico!... Entre nós os *hassidim* são de outro estofo!

De onde nos vêm as melodias? Talvez de herança, talvez do próprio solo.

Em nossa região de Kiev, não há uma casa onde não haja um violino. Um filho de família, ou, como se diz por aquelas bandas, o filho de um pai, sempre tem um violino e sabe tocá-lo...

Querem saber quantos homens existem numa casa? Olhem para as paredes! Quantos violinos pendurados, tantos homens!

Todos tocam! Toca o avô, toca o pai, e o filho também toca. Entretanto, pena é que cada geração toque a sua música, toque diferente, toque em separado!

O velho avô toca melodias do Sinai, ou músicas sacras: o *Col-Nidre*, a "Rosa de Jacó", o "Cabritinho de pés atados"... Não falta o que tocar. O pai, *hassid*, expande-se

¹ A *Arquivo Maaravi* agradece, de forma muito especial, à Editora Perspectiva pela generosidade de permitir a publicação deste conto que, no Brasil, saiu, em *Contos de I. L. Peretz*, em 1966, com tradução de Jacó Guinsburg.

* I. L. Peretz (Icchok Lejbusz Perc) nasceu em Zamosc, Polônia, a 8 de maio de 1852, e faleceu em 3 de abril de 1915, em Varsóvia, Polônia.



segundo a boa moda iídiche! O filho, já toca por notas! Já executa trechos de música de teatro!

Tal geração, tal melodia!

— O que fazem os *hassidim* quando lhes falta um gole de aguardente?... Conversam... Não é possível cantar sozinho, sem coro, sem o entusiasmo do povo. Por isso, apenas conversaremos sobre a melodia...

Sabem que o canto é uma grande coisa. Em toda a região de Tolne, a vida se concentrava no banquete sabático. E no banquete sabático, o principal era o canto!

Tudo depende unicamente de quem canta e do que se canta...

Com o mesmo tijolo pode-se construir uma igreja, uma sinagoga, um palácio, uma masmorra ou um albergue.

Com as mesmas letras escrevem-se as palavras da Torá, assim como as maiores heresias. Com as mesmas vozes atinge-se o êxtase e a devoção, ou cai-se no abismo e chafurda-se como o verme na lama!

Uma carta depende de como é lida. Uma melodia de como é cantada!

Tomem, por exemplo, uma canção festiva. Tanto pode ser um canto sabático de Tolne, o canto de uma festa piedosa e boa, como a melodia jubilosa de um devasso a que tudo é permitido!

Uma melodia arde, inunda-nos de amor, pois é impregnada de amor. Mas há vários amores. Há o amor a Deus, o amor aos seres vivos, o amor ao povo de Israel... Outros, porém, amam a si próprios, ou então, do que Deus nos livre, a mulher do próximo!

Há melodias que se lastimam. Há melodias que choram. Mas umas choram por causa da serpente, pelo paraíso perdido. Outras, a perda da glória divina, a destruição do Templo, nossas misérias e humilhações. “Vejam a nossa condição”... lamenta uma melodia... E outra chora por alguém, cuja mulher fugiu.

Há melodias impregnadas de saudades. Mas saudades de quem?

Ora é uma alma ansiosa por retornar à sua origem. Ora, um velho malandro e desdentado que almeja pelos anos de mocidade e por seu jovem espírito do mal.

Tomem, por exemplo, a canção:

Reb Dóvidel morava em Vassílicov,

Em Vassílicov...



E hoje mora em Tolne.

Reb Dóvidel, Reb Dóvidel morava em Vassílicov,

Hoje ele mora em Tolne!...

Cantam-na tanto os moradores de Tolne, como os de Vassílicov. Mas quando a cantam os habitantes de Tolne, a melodia é festiva ardente de alegria e prazer. E quando a cantam os moradores de Vassílicov, é repassada de dor e melancolia. Tudo depende da alma com que se anima uma melodia!...

A melodia, devem saber, é uma soma de vozes ou, como dizem outros, de sons.

As vozes ou sons provêm da natureza. Ninguém pode modificá-las. Nem faltam vozes na natureza. Tudo tem a sua voz, o som que lhe é próprio, quando não uma melodia completa!

Os espíritos, e isso é um axioma, cantam. O dia e a noite têm o seu hino. Homens e pássaros cantam, animais e rebanhos entoam os seus cantos... Uma pedra ressoa de encontro a outra pedra. O metal retine... A água, que flui, não é muda. E o bosque, então? Ao sopro da mais leve brisa, o bosque entoia um motivo cigano, um autêntico, suave e doce motivo cigano! E o trem de ferro? Quando corre essa besta feroz, de olhos congestionados e chamejantes, quem não fica ensurdecido com o ruído de seu canto? Até mesmo os peixes taciturnos, segundo li num livro antigo, emitem por vezes sons e melodias. Alguns deles, escreve o livro, nadam de quando em quando ate a margem, batem com as barbatanas na areia ou nalguma pedra, felizes e contentes.

Quantas vozes existem? Basta que a gente tenha ouvidos que as apanhem, como uma rede, que as absorvam, como uma esponja!

Mas, para se ter uma melodia, não bastam os sons!

Um monte de tijolos não é uma casa!

Os sons constituem apenas o corpo da melodia. Falta-lhes a alma!

E a alma da melodia é o sentimento de um ser humano: o amor, o ódio, a amizade, a vingança, a saudade, o arrependimento, o sofrimento, tudo, tudo quanto sente o homem pode instilar na melodia. E só então ela vive.

Com efeito, senhores, creio que tudo quanto me deleita, deve ter alento próprio, vida própria!

Sendo assim, se uma música me deleita, se uma melodia me dá novo ânimo, digo então que ela vive...



Eis a prova do que afirmo: Tomem uma melodia, trunquem-na ao revés. Comecem pelo meio, cantem depois o começo e o fim. Haverá então melodia? Terão um amontoado de vozes. Não faltará uma nota sequer. Mas a alma... se foi! O que resta é uma pomba alva, sacrificada, cuja alma se evoluiu, sob o fio do cutelo!

A música morreu. Transformou-se no cadáver de uma melodia!

Para nós, de Tolne, é evidente como o sol que uma melodia vive!

E uma melodia vive, e uma melodia morre. E a gente esquece uma melodia, como olvida as cinzas de alguém.

Foi jovem e louçã, a melodia! Irradiou vida e mocidade...

Debilitou-se com o tempo. Depois de alguns anos, faltaram-lhe as forças, começou a caducar... Então, o seu último suspiro perdeu-se no ar, sufocado em algum lugar. Não mais existe!...

De súbito, a gente se recorda de uma velha melodia. Ela surge inesperadamente, brotando dentre os lábios... Sem querer, impregnamos-la de sentimento novo, de nova alma. E uma melodia quase totalmente nova começa a viver...

Isso o já é a metamorfose de uma melodia...

Sei que não me compreendem bem. É o mesmo que falar com um cego a respeito da luz.

Querem saber de uma coisa? Gostam de histórias? Pois bem, contar-lhes-ei uma sobre a metamorfose de uma melodia. Ouçam!...

A três ou quatro milhas de Berdítschev, logo após o bosque, ergue-se a aldeia de Machnovke. Nessa aldeia havia uma porção de músicos. Mas o melhor deles, e o principal, chamava-se *Reb Haimel*. Era um músico de mão cheia, discípulo do *Podeitzor* de Berdítschev. *Reb Haimel* não era criador de melodias, isto é, não era compositor. Mas executar, interpretar, compreender, penetrar no coração dos outros, isso ele sabia. Aí residia o seu poder!

Era um judeu magro e seco. Mas, assim que começava a tocar, transformava-se completamente. Suas pálpebras, constantemente abaixadas, começavam a erguer-se aos poucos. Os olhos profundos e suaves iluminavam o rosto pálido com uma autêntica luz de bondade. Via-se claramente que naquele momento *Reb Haimel* estava distante. Suas mãos tocavam sozinhas, por si mesmas. Sua alma voava alto, muito alto, no mundo da música... Às vezes, esquecido por completo de onde estava, punha-se também a cantar. E tinha uma voz que parecia uma clarineta, de tão clara e pura que era...



Não fosse *Reb* Haimel um judeu simples e devoto, quase bronco, não permaneceria em Machnovke, curtindo miséria com seus oito filhos. Iria tocar ou cantar nalgum teatro, ou talvez ingressasse nalgum coro sinagoga em Paris ou Berlim... Mas Berdítshev costuma produzir tipos assim. Haimel, o bronco, permanecia em casa, comprando fiado meses a fio, em todos os empórios, por conta de um hipotético casamento rico, em que provavelmente tocaria!

E houve um casamento rico! Foi exatamente na família de um dos chefes da comunidade de Machnovke, em casa da viúva de Berel Catzner.

Esse Berel Catzner – direi a verdade, mesmo que de noite ele venha me assombrar – fora um grande prestamista e um agiota maior ainda. Ridicava à própria boca o pão que comia. Recolhia as migalhas de pão, depois dos filhos comerem... Era um coração de pedra, o homem!

Antes de morrer, nas vascas da agonia, mandou chamar o primogênito. Ordenou-lhe que trouxesse os livros de contabilidade. E indicando, com o dedo arroxeadado, os empréstimos não pagos, disse: “E nada de prorrogar prazos! Deus me livre! Ouviste? Hás de honrar a memória de teu pai?”

Depois, chamando a mulher, recomendou-lhe que escondesse os pratos de cobre pendurados na parede: “Assim que eu fechar os olhos, tudo ficará sem dono!” E com essas palavras, a sua alma partiu! Mas, na realidade, deixou meio milhão!

Como já foi dito, era a viúva quem realizava as bodas da filha. Tinha pressa, pois estava também ansiosa para casar-se de novo. Sentia-se mais aliviada, como se lhe removessem uma pedra do coração! Estava plenamente consolada!...

E se disséssemos que Haimel, o músico, também tinha uma filha casadoura, será fácil compreender que aguardava a festa com a ansiedade de quem espera o Messias...

Mas a viúva teve a súbita e genial ideia de mandar buscar o Podeitzor de Berdítshev.

Por que isso? De Kiev, viria a família do noivo, gente de gosto apurado. E a viúva queria para a cerimônia uma música mais em moda. Nada de coisas velhas e batidas, dizia ela. Se a festa ia custar tanto dinheiro, então que custasse mais um pouco, mas que os convidados de Kiev tivessem o que ver!

Haimel quase morreu.

A aldeia se alvoroçou. Haimel era estimado por todos. E, além disso, inspirava pena aquele judeu pobretão!... Empenharam-se todos para conseguir um acordo. Finalmente, resolveu-se que Haimel tocaria com sua orquestra. Mas, antes do



casamento, teria de, por conta da riqueza, dar um pulo a Berdítshev e trazer de lá um motivo novo para a “Deus da Piedade”.

Haimel recebeu o dinheiro da viúva, deixou a maior parte com a mulher e os filhos, meteu-se numa diligência e seguiu para Berdítshev.

E aqui começa a história da metamorfose.

Como diz o ditado, o pobre sempre tem sorte. Haimel entrou por um lado de Berdítshev e o Podeitzor saiu pelo outro. Exatamente naquele dia fora convidado para tocar num banquete sabático. Devem saber que o rabi de Tolne gostava muito do Podeitzor. O rabi costumava dizer que na sua melodia se ocultavam os mistérios da Torá. E acrescentava: “Sinto apenas que ele próprio não saiba disso!”

Bem. Haimel vagou pelas ruas, desesperado. O que fazer?

Voltar para casa sem uma nova “Deus da Piedade” não era possível. Seria o fim do mundo. Viajar até Tolne, ou esperar pela volta do Podeitzor, também não podia. A riqueza adiantara-lhe pouco dinheiro, e desse mesmo Haimel dera a maior parte à esposa. Sentiu-se desesperado.

Subitamente, deparou com o seguinte quadro:

Imaginem só. Num belo e límpido dia de semana, passa pela rua uma mulherzinha vestida de trajes sabáticos, ou, como se diz por aquelas bandas, enfeitada em mel e vinagre. Na cabeça, leva um estranho chapéu, com longas fitas de cores várias e berrantes!

Segura na mão uma grande bandeja branca, de prata. Tocando, seguem-na os músicos. E a mulher caminha, dançando. De quando em quando, ela e os acompanhantes detém-se defronte de uma casa ou alguma loja. E ela executa um número de dança. A música atrai a atenção de todo mundo. Apinham-se as cabeças nas portas e janelas.

Os músicos tocam, a mulherzinha dança, as tiras multicores esvoaçam no ar, a bandeja brilha e cintila... Gritando *mazel tov*, felicidades, o povo atira-lhe moedas. Bailando, a mulher aproxima-se das moedas, recolhe-as e coloca-as na bandeja. As moedas refulgem e tilintam, ao compasso...

O que é isso? Uma coisa de nada: Berdítshev é uma cidade judia, de costumes judeus. É assim que procedem para juntar o dote de uma noiva pobre!...

Haimel conhecia esse hábito. Sabia que as mulheres de Berdítshev criavam bailados e o próprio Podeitzor compunha sempre novas melodias para tais ocasiões. Era uma benemerência toda sua! Iam ter com ele, contavam-lhe quem era a noiva e sua



família, falavam-lhe da proposta de casamento e da pobreza da noiva. O Podeitzor ouvia em silêncio, fechando os olhos. Às vezes ocultava o rosto sob as mãos. E quando todos acabavam de falar, começava a murmurar uma melodia...

Haimel sabia de tudo isso. Então, por que estava tão admirado?

Nunca ouvira uma canção tão jubilosa! A melodia ria e chorava ao mesmo tempo. Difundia dor e prazer, mágoa e felicidade, tudo mesclado, tudo fundido... O verdadeiro casamento de uma órfã.

De repente, Haimel exultou: Tinha ali o motivo de que precisava!

Na volta de Berdítschev, o cocheiro apanhou outros passageiros. Haimel não se conteve. E os passageiros, que por sinal eram pessoas de gosto apurado, contaram depois que, tão logo a diligência penetrou no bosque, Haimel pôs-se a cantar.

Entoou a canção festiva do Podeitzor. Mas esta transformara-se completamente. O cântico do dote da noiva pobre metamorfoseara-se numa autêntica “Deus da Piedade”.

E dentre os renques de árvores que sussurravam baixinho, ergueu-se uma suave melodia, estranhamente suave...

E um coro imenso parecia acompanhá-la: o murmúrio do arvoredo. A melodia, cheia de pranto e de lástima, suplicava misericórdia, como um enfermo suplica que lhe prolonguem a vida...

Depois, a melodia começou a suspirar, a rogar com clamores breves. Era como se alguém batesse no peito, pedindo perdão. Seria o Dia da Expição? Ou estaria alguém se confessando?

Mas a voz começou a elevar-se, ao mesmo tempo em que se entrecortava cada vez mais. Hora a hora mais dilacerada, como que sufocada pelas lágrimas, despedaçada pela aflição. Depois, alguns profundos suspiros e um agudo clamor!... Um... depois outro, e de repente desprende-se totalmente. Silêncio! Alguém morreu!...

A melodia ressurgiu novamente, prorrompendo em clamores cálidos e ardentes. E os clamores voam, perseguem-se, confundem-se. É o pranto como o de um enterro!

E em meio ao enterro, surge um eco fino, puro e infantil. É uma voz úmida, trêmula e assustada! Uma criança recitando o *cadisch!*

E a melodia converte-se em devaneio, fantasias, mil e um pensamentos que, em compasso lento, se transformam em música doce e carinhosa, cheia de ânimo e conforto... E espalha tanta bondade, tanta dedicação, tamanha fé em que tudo voltará



a ser bom e suave, que a gente almeja continuar vivendo. Almeja-se viver. Sente-se vontade de viver e de esperar!

Os passageiros quase se derreteram de prazer.

— O que é isso? – perguntaram.

— É uma "Deus de Piedade" – respondeu *Reb* Haimel. – É uma "Deus de Piedade" para a órfã, filha de *Catzner*.

— Não vale a pena! – responderam-lhe. – É uma melodia malbaratada. Mas conquistarás o mundo com ela, *Reb* Haimel. A gente de Kiev derreter-se-á...

A gente de Kiev não se derreteu!

Estava escrito que na casa de *Catzner* não se realizaria um belo e tradicional casamento judeu... A melodia da "Deus de Piedade" não agradou ao pessoal de Kiev. Os convidados de Kiev preferiram dançar com suas damas. Por que cantar fora de hora? Para que músicas edificantes?

De mais a mais, por intenção de quem aquela "Deus de Piedade"? Pela alma do velho *Catzner*? Se o velho sovina vivesse, a noiva não levaria metade do dote que recebera, muito menos o enxoval. O casamento teria um aspecto completamente diverso! Se ele ressuscitasse naquele momento e visse o vestido de cetim branco com babados, o véu da noiva; se contemplasse os vinhos, as tortas, os peixes e carnes, sob cujo peso as mesas pareciam vergar, o velho tornaria a morrer, e desta vez não em tanta paz como dantes.

E para que tantas cerimônias, toda essa história dos véus... Costumes antiquados e tolos.

— Mais depressa! – gritava a gente de Kiev.

O pobre Haimel dispôs a orquestra e, com o coração batendo, começou a resvalar o arco sobre as cordas... A gente simples já começava a piscar e alguns olhos já lacrimejavam. E eis que um convidado de Kiev gritou:

— O que é isto? Um casamento ou um enterro?

Haimel fez de conta que não ouviu. Mas um homem de Kiev começou a assobiar.

E como assobiava! Era um portento... Tendo gravado a música do *Podetizor*, assobiava-a tal qual era. Assobiava-a com crescente escárnio e frenesi! E sempre a mesma melodia!... A orquestra calou-se. Travou-se então um desafio entre o violino moralizante e o assobio impertinente...



O assobio era forte e acompanhava o arco! O violino não mais chorava. A princípio gemeu, depois começou a rir!

Subitamente, Haimel interrompeu a música. Cerrando os lábios, com os olhos em chamas, passou o arco para outra corda e pôs-se a tocar com maior rapidez ainda. Haimel queria sobrepujar o assobio!...

Não, aquilo não era mais música! O violino desprendia gritos furiosos, vozes ensurdecedoras... Estas agitavam-se, redemoinhavam como ao sopro de um furacão. Tudo parecia bailar: a casa, a orquestra, os convivas, a noiva sentada na cadeira, o próprio Haimel com seu violino...

Não era mais uma canção festiva, nem uma "Deus da Piedade", nem sequer música era. Era uma dança endiabrada, como um violento ataque epilético, do que Deus nos guarde...

E durou tanto tempo até que arrebentaram as cordas.

— Muito bem, Haimel, bravo! – gritava a gente de Kiev.

Estariam com isso prestando um serviço ao velho músico? De modo algum.

Alguns anos depois, provavelmente por intermédio de algum convidado de Kiev, a melodia ingressou no teatro!

O que tem de mais o teatro? Velhos racionalistas acreditavam que o teatro era superior aos compêndios de ética, mais poderoso do que a *Fonte de sabedoria*,² que Deus nos perdoe a comparação! Vocês, com certeza, afirmarão que o teatro é impuro como um porco...

Entre nós, porém, é hábito dizer que o teatro depende do que se leva à cena.

Aconteceu em Varsóvia...

O teatro estava apinhado, cabeça sobre cabeça. A orquestra começou a tocar. Qual era a música?

Acordes ruidosos e confusos. Uma verdadeira babel! Era a "Deus de Piedade" de Haimel. Mas em vez de uma dança cigana, uma balbúrdia. Os instrumentos porfiavam, excitavam-se, estalavam!

Barulho, ruídos e assobios... Não que estivesse trovejando ou que as casas desmoronassem. Era apenas barulho, puro e simples! Deslizariam sobre mares glaciais, ou emergiam do inferno milhares de bestas ferozes? O teatro em peso sobressaltou-se!

² Obra filosófica de Ibn Gabirol.



De repente o violoncelo irrompeu! Estava enfurecido, zangado! Zangado, por quê? À toa! Percebia-se que sua zanga não era verdadeira. Depois, uma estranha flauta se intrometeu. Sua voz sobrevoou a orquestra, zigzagueando como um relâmpago, gargalhando como um autêntico demônio: Ha-ha-ha! E hi-hi-hi! acrescentava, apressada, a clarineta. E que coisas fazia a clarineta! Eram tudo desaforos! Percebia-se claramente a sua insolência!

Aí surgiam três, quatro violinos... Vibravam com singular doçura, tão suaves como a própria luxúria, como o espírito do mal em pessoa, quando de sua boca escorrem palavras de mel. E a música insinuava-se no coração da gente, penetrava como bálsamo, embriagava como vinho velho!

O teatro em peso inflamou-se. Estavam todos boquiabertos. Todos os olhos cintilavam!

E eis que subiram o pano e apareceu um homem e uma mulher. Um príncipe e um princesa. E cantaram!

Cantavam com palavras, com palavras abrasadoras, que saíam da boca como se fossem serpentes de fogo! Nos seus rostos ardia o inferno. E pulavam um diante do outro, como dois demônios! Abraçavam-se, beijavam-se e saltavam, com crescente rapidez. Ardiam em chamas cada vez mais intensas!

E as labaredas abrasaram o teatro todo. Um dilúvio de chamas inundou as galerias apinhadas de homens e mulheres de rostos suados e ardentes, olhos em brasas.

E o teatro em peso cantou!

Vibrou um mar de luxúria abrasadora. Um inferno ardente! Eram demônios bailando, anjos do mal rodopiando em turbilhões de chamas!...

Eis no que se convertera a melodia do Podeitzor: "Dote da noiva pobre", por intermédio da "Deus de Piedade" de Haimel, com a colaboração dos convivas de Kiev!

Mas o cair não tem limites!

O teatro iídiche arruinou-se. Os príncipes voltaram a ser sapateiros e alfaiates, as princesas regressaram ao fogão. E algumas das melodias da ribalta transformaram-se em músicas de realejo...

Nossa melodia estava quase irreconhecível!

Um tapete surrado estendia-se num pátio... Dois homens, com os dorsos nus, faziam acrobacias, em companhia de uma menina magra e pálida, que haviam raptado de algum lugar...



Um deles equilibrava uma escada nos dentes. Como a flecha disparada de um arco, a menina subia até o último degrau, depois saltava, caindo em pé sobre os ombros do segundo homem! Neste ínterim, o primeiro batia-lhe nas costas. A menina fazia algumas piruetas, punha-se de pé diante do povo, com as mãos distendidas, pedindo uma esmola!

Isso também era teatro. Apenas, um teatro para a ralé! Para servos e criadas!

Os saltimbancos exibiam-se ao ar livre. Era um espetáculo barato. Ninguém comprava ingresso. Bastava atirar duas ou três moedas. E a menina trabalhava com extraordinária perícia!

Grossos bagos de suor escorriam de seu rosto pintado de carmim. Nos seus olhos fundos brilhava a ansiedade. Mas isso o povo não enxergava! Ela respirava com dificuldade. Mas isso ninguém ouvia! A multidão via apenas as belas acrobacias, escutava unicamente a música do realejo!

E enquanto isso, no âmago do corpo ressequido da pobre criança raptada, a alma gemia e chorava, acompanhando a melodia rouca e metálica do realejo. Ambos gemiam, choravam, agitavam-se. Ambos suplicavam pela purificação...

Mas estava escrito que a melodia do Podeitzor, "Dote da noiva pobre", haveria de reabilitar-se. Errando de pátio em pátio, de cidade em cidade, os saltimbancos arrastaram consigo durante tanto tempo a pobre criança que esta adoeceu...

Aconteceu em Radzvil, perto da fronteira. Lá os saltimbancos abandonaram a criança enferma ao pé de um muro e atravessaram a fronteira. E vá alguém apostar corrida com o vento na planície! Seminua, com o corpo coberto de equimoses causadas pelas pancadas, a menina ardia em febre!

Pessoas caridosas recolheram-na, internando-a num hospital. A criança fora atacada pelo tifo. E, ao sair do hospital, estava cega de ambos os olhos!

E a coitadinha pôs-se a mendigar. Pedia esmolas de casa em casa, de porta em porta...

Quase não falava... Não sabia suplicar com palavras...

Estacionando diante de uma porta, aguardava. Se não davam por sua presença, começava então a cantar uma melodia, para que a escutassem... Era a melodia do realejo!

E o que dizia então a melodia?

Rogava compaixão! Compaixão por uma infeliz criança...



"Homens perversos roubaram-me de um bom pai, de uma mãe carinhosa, a fartura e ao aconchego de um lar! Arrancaram-me de tudo o que é bom! Exploraram-me, atiraram-me fora, como quem atira a casca de uma noz que se comeu! Apiedem-se de uma pobre criança!"

E a melodia continuava suplicando:

"Faz frio, e eu ando quase nua. Tenho fome. Não tenho onde reclinar a cabeça. E como se isso não bastasse, também sou cega!"

Assim implorava a melodia. E foi esse o seu primeiro passo para o alto. Comovidos por ela, muitos praticavam a caridade!

Em Radzvil vivia um judeu erudito... Não era um *misnagd*, nem tampouco um herege... Apenas não tinha tempo para visitar o rabi. Jamais fechava a Gemará ou o Talmude!

Para que na Casa de Estudos não zombassem dos seus estudos, costumava estudar em casa. A mulher passava o dia na tenda e as crianças, no *heder*.

Por vezes uma ideia atravessava-lhe o cérebro: Que tal fazer uma visita ao rabi? Era certamente uma insinuação do espírito do bem. O que faz então o espírito do mal? Mascara-se de espírito do bem e responde: "Ótimo! Por certo, deves fazer essa visita... Mas há tempo ainda. Antes, é preciso terminar o estudo do tratado! E que tratado!" E assim decorriam meses e anos!

Mas parecia vontade do céu que ele fosse ter com *Reb Dóvidel*.

Pois aconteceu o seguinte:

Certa vez, enquanto estudava, ouviu subitamente uma voz cantar junto à porta de sua casa. O talmudista irritou-se consigo mesmo:

— Quando se estuda, não se deve dar ouvido ao que sucede na rua, ou junto da própria porta. É preciso fundir-se com a Torá!

Entretanto, continuava ouvindo. Tapou então os ouvidos com os dedos. Mas a melodia continuou penetrando furtivamente, esgueirando-se, por entre os dedos, para dentro dos ouvidos. Ainda mais irritado, puxou a barba com raiva, pôs a ponta dentro da boca e, mordendo-a, continuou a estudar! Estudava com afincos!

Mas a melodia não o deixava em paz! Ele a ouvia, cada vez mais distintamente. De súbito, percebeu que era uma voz nauseabunda: A voz de uma menina! O sábio gritou então, em direção à porta: "Vai-te, dissoluta, sai da porta de minha casa!" E a melodia afastou-se... Mas que história tremenda! Ninguém mais estava cantando e ele continuava ouvindo! A melodia cantava sozinha aos seus ouvidos, em sua alma!



O douto esforçava-se por prosseguir na leitura, por concentrar-se na discussão daquele trecho talmúdico, mas em vão! A melodia impregnava cada vez mais a sua alma...

Aí ele fechou a Guemará e começou a recitar a oração vespertina.

Mas não conseguia estudar, nem orar, nem fazer coisa alguma!

Como um sino de prata, a melodia continuava a vibrar aos seus ouvidos! Não suportava mais! Quase morreu de aflição! Passou um dia, passaram-se dois, três... Por pouco, não o dominou a melancolia. Jejuou, mas foi inútil. Não conseguia desvencilhar-se da música! Mesmo à noite, ela o despertava!

E era um homem que nunca, durante toda a vida, cantara uma prece vespertina diante da estante. Jamais emitira um som melódico. No Sabá, costumava recitar os hinos, em vez de cantá-los. Era como se estudasse uma página do Talmude!

O talmudista compreendeu que as coisas iam mal!

"Artes do Satã!" pensou consigo mesmo, sentindo-se completamente perdido.

Não acham que já era tempo de ele sair em peregrinação?

O espírito do mal perguntou: "Peregrinar?" Sim, mas para onde?

Tzadikim há muitos. Mas qual é o verdadeiro *tzadik*? Qual o realmente eficiente? E o erudito pôs-se a refletir.

Foi quando recebeu mais um sinal do céu.

Algo aconteceu e o rabi Dóvidel, de Tolne, teve de fugir e passar pela cidade de Radzvil...

Por certo não ignoram a história da delação³ Afianço-lhes que isso foi um castigo! Não era preciso levar às escondidas o rabi Dóvidel de Vassílicov para Tolne. Não era necessário envergonhar uma cidade! E Vassílicov ficou, coitada, completamente arruinada!

Fecharam-se as hospedarias. Desapareceram todas as estalagens da redondeza. A cidade ficou reduzida a nada, do que Deus nos guarde... Mas não foi só. Mais uma denúncia, e Tolne também se viu arruinada.

Rabi Dóvidel possuía uma cadeira de ouro, com um versículo gravado: "Davi, rei de Israel, o imortal!" Os traidores teceram uma intriga política em torno disso e o caso foi parar em Petersburgo!

³ Referência às lutas entre os hassidim e seus adversários.



Quanto a nós, sabemos que o versículo significa qualquer dos reis da sabedoria rabínica. Mas vá-se explicar uma coisa dessas aos generais de Petersburgo!

Afinal, *Reb* Dóvidel precisou fugir, mas deteve-se em Radzvil, para guardar o sábado. E em boa hora, o nosso sábio talmudista foi ao banquete de despedida do Sabá.

O espírito do mal, porém, não se conformou. Ao entrar, o talmudista avistou um judeu baixinho, miúdo, sentado à cabeceira da mesa. Da minúscula criatura, a única coisa que se distinguia era o gorro grande, de pele, um gorro muito grande, e os cabelos prateados caindo-lhe sobre o rosto. Todos permaneciam calados, ninguém recitava a Torá. A dúvida assaltou o coração do talmudista... Só isso, e nada mais?, pensou.

Mas *Reb* Dóvidel, que notara a sua presença, disse-lhe: — Senta-te, talmudista.

E nesse mesmo instante, o douto começou a compreender. Foi quando surpreendeu um olhar do rabi Dóvidel e sentiu um queimor na alma!

Certamente já ouviram falar dos olhos do rabi de Tolne! Um olhar seu exprimia nobreza, santidade, força. Tudo o que quiserem, traduzia-se no seu olhar!

E quando o rabi Dóvidel disse: "Senta-te", imediatamente arranjam um lugar à mesa para o talmudista. E este ficou sentado, na expectativa.

E o rabi Dóvidel prosseguiu:

— Honre-nos o talmudista com uma melodia!

Este sentiu fugir-lhe a terra de sob os pés. Ele e uma melodia...

Mas alguém lhe bateu nos ombros: "Quando o rabi Dóvidel ordena, é preciso cantar". O que fazer? Cantou.

Começou, coitado, todo trêmulo. Mas conseguiu tartamudear as primeiras notas de uma melodia. E o que pretendia cantar o talmudista? Com certeza, a melodia da órfã. Outra, não conhecia! E tremendo, balbuciando, o talmudista cantou. E de novo a melodia se transformou. Adquiriu perfumes da Torá, trescalou santidade sabática e a penitência de um judeu erudito. E cantando, começou a sentir a melodia. E seu canto tomava-se cada vez melhor, cada vez mais liberto.

Em meio, o rabi Dóvidel pôs-se a acompanhar baixinho. E o povo, ouvindo-o, fez coro. Juntamente à congregação, o talmudista empolgou-se, tomando ardor! Sem poder mais se conter, cantou de verdade!



E a melodia começou a fluir subitamente, como um rio de fogo. E as ondas ressoaram cada vez mais longe, cada vez mais alto, cada vez mais veementes e inflamadas...

E a casa passou a ser estreita demais para a melodia que, através das janelas, transbordou para a rua! Um mar de santidade inundou a rua. Assustados e assombrados, os transeuntes exclamavam:

— A melodia da órfã! A melodia da órfã!

A melodia purificou-se e o erudito também.

Antes que este partisse, *Reb* Dóvidel chamou-o a um canto e disse-lhe algumas palavras:

— Talmudista, – censurou-o o rabi – envergonhaste a casa de Israel. Não compreendeste a origem da melodia, chamando-a de libertina.

— Impõe-me, rabi, uma penitência por isso! – suplicou-lhe o sábio.

— Não é necessário – replicou o rabino, de abençoada memória. – Em vez de uma penitência, é preferível uma boa ação!

— Que espécie de boa ação, rabi?

— Casa a menina. Dotar uma noiva pobre é um ato de mérito inestimável.

E agora ouçam a outra face da história:

Mais tarde, muito tempo depois da moça ter-se casado com um escriba viúvo, souberam qual era a sua ascendência!

Ficou claro que a menina era neta do velho Catzner!

E isto aconteceu assim:

O genro de Catzner, de Kiev, passara certa vez a tarde inteira com a esposa, no teatro. E nessa mesma tarde raptaram-lhe a única filha...

Mas restituir-lhe a filha não era mais possível...

Há muito tempo que a mãe morrera e o pai estava na América...

Referência

PERETZ, I. L. *Contos de I. L. Peretz*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966. p. 163-178.